

Combustão Espontânea

sobrecarregou-se de tanta eletricidade que tinha de descarregá-la para aliviar-se — às vezes dava uma série de choques no irmão e em seu médico, e em quem mais estivesse por perto". Pelo visto, ela desenvolvera o poder do peixe elétrico, que ainda constitui mistério para a ciência. (O peixe elétrico produz até 600 volts. Suas "rajadas" de eletricidade são extremamente rápidas, como as de uma metralhadora, e podem ser lançadas a uma média de três mil por segundo.)

É provável que a "combustão espontânea" que tanto fascinou os vitorianos também se relacione com essa curiosa energia. Depois de conhecida a natureza da eletricidade estática, o fenômeno deixou de provocar o mesmo interesse. Mas continuaram a ocorrer casos desse tipo, e nem sempre explicáveis pela eletricidade estática — ao menos não a combustão normalmente produzida por cabelo seco ou roupas de seda. Citam-se vários casos num capítulo de *Strange Unknown Mysteries*, de Emile Schurmacher. Uma moça de 19 anos, Maybelle Andrews, dançava numa boate do Soho com o namorado, Billy Clifford, quando de súbito surgiram chamas em suas costas, no peito e nos ombros, atingindo-lhe ainda os cabelos. Morreu ao ser levada ao hospital. O namorado com queimaduras graves por tentar apagar o fogo de Maybelle, explicou que não havia chamas quaisquer no salão onde dançavam, e que o fogo se teria iniciado na própria moça. O *Sheffield Independent* noticia que um empreiteiro de obras, G. A. Shepherdson, ao passar de carro por uma obra e acenar para alguns operários, transformou-se imediatamente numa verdadeira tocha humana. O *Daily Telegraph*, de Londres, relata o caso de A. F. Smith, de Birkenhead, que se incendiou na cabina de seu caminhão. Mas o fogo limitou-se a atingir a cabina e não se originou no assento. Um júri de instrução não conseguiu determinar a causa do acidente.

O Professor Robin Beach, que antigamente ensinava no Instituto Politécnico de Brooklyn, realizou um estudo dos seres humanos capazes de reunir no corpo enormes cargas estáticas. Um industrial de Ohio pediu-lhe que investigasse os inexplicáveis surtos de incêndio que ocasionalmente ocorriam em sua fábrica. Munido de um voltímetro de eletricidade estática, o professor testou todos os empregados e descobriu que uma jovem possuía carga de 30 mil volts. Tudo indica que se devesse a uma combinação de várias circunstâncias: a pele seca, roupas de seda, o ar seco da fábrica e os tapetes no chão. Beach fala de um homem que se feriu gravemente ao abrir a tampa da bateria do seu carro — uma descarga elétrica de seus dedos secos fez explodir o hidrogênio saído da bateria e lançou-lhe ácido no rosto. Segundo o Professor Beach, em determinadas circunstâncias a maioria das pessoas consegue desenvolver uma carga de 15 mil volts, liberada quando se toca um metal em contato com a terra. Mas isso não explica o caso de Maybelle Andrews. Se ela estava dançando — Schurmacher diz que era a dança do watusi —, provavelmente estava coberta por uma fina camada de transpiração, que não é suficiente condutor para o desenvolvimento de eletricidade estática. Mesmo supondo que ela de alguma forma adquiriu uma carga muito elevada e tocou

um objeto em contato com a terra, deveria ter ocorrido apenas um rápido faiscar, e não uma explosão de chamas. E como pode um homem incendiar-se na cabina de um caminhão, se os pneus de borracha o isolam em relação à terra?

Onde traçar a linha entre os poderes mentais e supranormais, entre o "normal" e o espiritual? Quando mexo com os dedos, os nervos transmitem uma mensagem do cérebro até a mão, mas não tenho idéia do que acontece em termos físicos. Eu não "faço" os dedos se mexerem — parece inexistir processo intermediário entre desejar que se mexam e seu movimento. Seria isso menos misterioso do que o poder do peixe elétrico, que descarrega até 600 volts, ou do que a capacidade de Angélique Cottin, que fazia objetos pesados pularem ao se aproximar deles?

O Dr. Jule Eisenbud, da Faculdade de Medicina da Universidade de Colorado, Denver, dedicou todo um livro a suas espantosas pesquisas sobre os poderes de um contínuo alcoólatra, Ted Serios, que faz aparecerem fotografias apenas pela concentração na máquina fotográfica. O livro do Dr. Eisenbud também fala do fenômeno que mencionei na introdução deste livro: o firme desejo das pessoas comuns, de desconhecerem tudo o que não possam explicar, fingindo que jamais ocorrem fatos estranhos. O Dr. Eisenbud estava intrigado com o problema da não repetição da maioria dos "fenômenos supranormais", e escreveu um artigo em que manifesta o desejo de um dia viver uma fase mais satisfatória na história das pesquisas psíquicas. Foi quando alguém lhe enviou um recorte da publicação *Fate*, onde se dizia que Serios produzia fotografias apenas pela concentração na lente da máquina fotográfica. Segundo a notícia, já havia alguns meses que cientistas e fotógrafos realizavam testes com Serios. A primeira reação de Eisenbud foi perguntar a si mesmo por que diabos, nesse caso, o fato não era objeto de conhecimento geral. Concluiu depois que provavelmente as pessoas envolvidas não haviam conduzido suas experiências com o necessário cuidado e rigor científico. Não obstante, concordou por fim em assistir a uma demonstração em Chicago. Ted Serios, pequeno e magro, apareceu no bar do hotel — para surpresa de Eisenbud, que já fora avisado do alcoolismo do homem. No quarto do hotel, Serios pegou uma Polaroid carregada com filme virgem, firmou os olhos na lente com uma concentração intensa que lhe fez saltarem as veias da testa, e depois relaxou durante uns vinte segundos. Retirando-se a fotografia da máquina, viu-se que não dera resultado algum. Serios fez mais sete tentativas frustradas, até que saiu uma chapa com o retrato meio borrado e obscurecido de um edifício com uma torre no alto, que uma senhora presente identificou como sendo a torre de água de Chicago. Serios queixou-se de dor de cabeça — havia ingerido boa quantidade de uísque. Após breve descanso, houve novas tentativas, e uma delas apresentou a fotografia manchada, porém inconfundível, de um hotel que na fachada trazia a palavra "Stevens". Era um hotel destruído pelo fogo alguns anos antes.